



Urbano Bettencourt*

Poeta Mário Machado Fraião – homenagem no *Arquipélago de Escritores*

Há uma primeira palavra a dizer e é para felicitar o Nuno Costa Santos por conseguir mais uma vez concretizar o seu *Arquipélago de Escritores*, agora em quarta edição e em condições sociais mais saudáveis do que aquelas existentes há um ano, mais próximas também de uma normalidade desejável. É caso para dizer que *pandemia* rima com *teimosia*, mesmo que na estratificação poética os velhos manuais a viessem a incluir no escalão da... «rima pobre» (como acontece noutros campos, também na literatura nem toda a gente nasce no meio de banqueiros). Mas o que eu desejava salientar aqui é o renovado empenhamento de Nuno Costa Santos em manter um projecto literário e cultural que por estes dias amplifica o arquipélago e o expande, no seu jogo de circulação e troca de olhares e perspectivas – e que este ano se desenrola em duas fases, uma em S. Miguel e outra na Terceira.

O *Arquipélago de Escritores*, mesmo na sua circunscrição logística e geográfica, tem comprovado a asserção de Carl Sagan de que as ilhas são *encruzilhadas*. São-no por natureza, mas tornam-se ainda mais nestes dias em que é possível dialogar e abrir horizontes para questões afastadas das preocupações imediatas do dia a dia. E em que cada um é chamado a dar o seu contributo para um projecto comum.

Um dos elementos integrantes de cada edição tem sido a homenagem prestada a um determinado escritor, em diferentes moldes, em articulação por vezes com circunstâncias editoriais, valorizando-as e aproveitando-as com vista a um melhor conhecimento dos autores.

Isso acontece também este ano, com Mário Machado Fraião, nascido no Faial em 1952 e falecido em Lisboa em 2010.

A sua poesia completa, *As Ruas Demoradas*, foi publicada em 2020 pelo Instituto Açoriano de Cultura, em edição preparada Victor Rui Soares; e deste modo, a divulgação que se faça do poeta ganhará eficácia e sentido prático pelo facto de sua poesia se encontrar à disposição dos leitores e acessível à leitura. A homenagem (com uma sessão em Ponta Delgada e outra em Angra do Heroísmo) é um acto de justiça prestado a um poeta pouco menos que desconhecido e que, por modo de ser ou por opção, sempre circulou na penumbra da instituição literária, em virtude também de edições precárias ou muito circunscritas.

As Ruas Demoradas reúne os seis livros de poemas publicados por Mário

Machado Fraião entre 1980 e 1995, a que acresce um outro saído já postumamente em 2011.

A leitura de conjunto proporcionada por esta edição permite verificar como a voz poética de Fraião constitui um momento singular no contexto das vozes insulares que então se afirmavam. Pelo modo como o discurso convoca a memória dos lugares e a memória cultural, refazendo-as e articulando-as num texto marcado pela consciência melancólica da perda e da distância. Os lugares e os objectos, as pessoas e os acontecimentos, mesmo quando presentificados, chegam envoltos numa névoa de passado, resgatados por aquilo deles permanece como experiência comovida de afectos e amizades, de amores fugidios, talvez apenas supostos, de partidas e desencontros. Referências cinematográficas e pictóricas, fragmentos textuais vindos da literatura e da música, nomes de cantores cruzam-se nos poemas e dialogam com um discurso autoral subtil e esquivo, ao mesmo tempo que recortam o perfil de um sujeito poético multimodal ou de muitas pluralidades culturais.

Esta é ainda uma poesia marcada no seu conjunto por um denso imaginário atlântico, não apenas insular, mas também continental, embora o primeiro me pareça prevalecer com os seus signos e figuras de partidas (mais do que chegadas), os lugares marítimos precários ou transitórios, a(s) pequena(s) cidade(s) com a sua vida miúda e os seus cais de passagem, as personagens perdidas entre o cheiro do café, dos cafés, e o olhar alongado sobre o horizonte ou sobre os navios que o cruzam sem se deter, mas igualmente abertas a quem aporta depois das rotas do mar.

Não encontramos aqui a forte dimensão abstracta de Roberto de Mesquita (que, aliás, se demora ainda por muitas destas «ruas de fuga», como se lê num poema), nem o realismo descarnado de Pedro da Silveira, nem a violência verbal e a denúncia de J. H. Santos Barros (porque mesmo a denúncia de Fraião há-de fazer-se sob a metaforização suavizada). Há, simplesmente, a poesia de quem recebeu da voz paterna a missão de escrever *acerca destas ilhas* (mas não se deteve nelas) e decidiu fazê-lo de forma serena e contida, que é apenas uma opção pessoal e estética.

*Texto lido na abertura oficial do *Arquipélago de Escritores* Câmara Municipal de Ponta Delgada



Alvaro Feijó

Vozes do Norte Ribeiragrandense

Vem isto a propósito de um trabalho de elevada qualidade por uma das vozes mais conceituadas do Norte da Ilha de São Miguel que através do Porto de Santa Iria da Ribeirinha, Cidade da Ribeira Grande, consegue ensaiar e encenar um povoamento de realidades que nos leva à descoberta da verdadeira potencialidade que sempre foi a Ribeira Grande.

Veja-se os seus trabalhos mais recentes claramente a demonstrar os caminhos dificilmente percorridos para a Ribeira Grande atingir a categoria de Vila e depois de Cidade.

Os Ribeiragrandenses têm de estar atentos aos Valores que os preenchem e saber usá-los em momentos próprios da sua história.

O Doutor Mário Moura, tal como outros o fizeram a partir do século XV, descobriu a Baía de Santa Iria e nos seus estudos e pesquisa desbrava a terra a partir dali apresentando uma vasta história de factos e realidades que nos fazem partir para uma tomada de consciência e que nos levam a tirar ilações de certos comportamentos humanos em quem outrora confiamos e demos a mão mas, que pelo contrário, agora, nos obriga a repensar...

“Quem não se sente não é filho da boa gente”. É este sentimento que nos obriga a reflexão e debate subjectivos. Então, que conclusões tirar do tratado de Mário Moura e que recebe uma muito bem merecida e registada atenção do Director, Osvaldo Cabral, do conceituado Jornal Diário dos Açores?

Pensando nas razões que levaram à apresentação dos livros “Ribeirinha – Uma

Viagem no Tempo” no ano 2017 e “Valores da Vida” neste ano corrente e juntando os desafios que Mário Moura lança, de logo, torna-se obrigação, também, acrescentar e fazer aumentar voz às vozes do norte. Porque no silêncio ela fez-se sentir em 02-02-2018 em carta oferta/convite ao ex-Presidente do Governo Regional dos Açores e, muito recentemente, ao actual Presidente Doutor José Manuel Bolieiro em 06-11-2021 da mesma forma e com os mesmos objectivos.

Os dois livros que foram oferecidos e entregues à presidência do Governo são mensageiros da terra e sua gente em que a Ribeirinha da Cidade da Ribeira Grande é destacável protagonista. Neles está a voz de quem ama a sua comunidade e por ela junto com os seus representantes continuamente reclamam neste caso um Património Histórico que não o quer perder e que é o Porto de Santa Iria.

É de louvar e homenagear duas fortalezas ribeiragrandenses que perceberam a influência daquele porto marítimo e por ele descobrindo a genética nortenha de um povo lutador, trabalhador, sacrificado... mas, que agora merece ser compensado pelos seus pedidos permanentes e persistentes de um lugar que lhes diz muito.

A Ribeirinha, o seu Povo e seus Representantes não mais esquecerão Mário Moura, Osvaldo Cabral, Jornal Diário dos Açores e tantas outras vozes silenciosas por tão oportuna dádiva em prol da dignificação de uma razão fortemente significativa e histórica.

Um muito bem-haja